

# humanitas



Vol. LXII  
2010

escrever a sua versão pessoal de Agamémnon. Esse trabalho foi realizado após uma visita de estudo a Argos e Micenas, a tempo de ser apresentado em 2007 no Curso de Verão de Epidauro.

Nesse ano, Jaime Rocha leu uma comunicação intitulada “The Birth of Agamemnon” em que explicava a génese da sua versão e os fundamentos para as alterações que fez ao texto de Sófocles, nomeadamente a introdução da personagem de Ifigénia viva e as implicações desse acrescento no decorrer da acção.

Nessa mesma comunicação de 2007, o dramaturgo anunciou que tinha um projecto de escrever uma trilogia sobre os heróis da guerra, a partir dos clássicos gregos, escolhendo para o efeito, além do citado Agamémnon, também Filoctetes e Aquiles. São eles, no seu entender, os três grandes heróis gregos da guerra de Tróia, pelo que deixou de lado, por opção, pelo menos como projecto a médio termo, a igualmente importante personagem de Ájax.

Foi também em 2007 que Jaime Rocha rumou à ilha de Lemnos para sentir de perto a atmosfera que Filoctetes terá vivido, o lugar da gruta, a luminosidade da ilha, as suas costas agrestes, os templos e a geografia singular de toda a ilha. E assim, após dois anos de trabalho de escrita, nasceu a sua versão de Filoctetes, texto que levou já escrito para o Forum de Epidauro de 2010 e onde fez uma comunicação intitulada «Philoctetes in Lemnos – The Island of Utopy». Nesta leitura, o escritor falou da importância da sua viagem a Lemnos, da descoberta do santuário dos Cabírios, sacerdotes que haveriam de ser incluídos na peça como um coro de sábios, ao lado do coro dos cidadãos, e da ideia de paz e utopia que atravessa toda a peça.

Neste momento, Jaime Rocha trabalha na concepção do terceiro volume da sua Trilogia da Guerra, uma revisitação ao mito de Aquiles, que conta ter pronto para o próximo Forum de Epidauro.

JAIME ROCHA

### *A Cidade*

‘A Cidade’, espectáculo levado à cena pelo Teatro da Cornucópia, no palco do Teatro S. Luiz, em Lisboa, entre 14 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2010, reuniu uma antologia de excertos de distintas peças aristofânicas<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> *Acarnenses, Cavaleiros, Nuvens, Paz, Aves, Lisístrata, Mulheres que celebram as Tesmofórias, Mulheres no Parlamento, Pluto.*

ilustrativa da actualidade de temas, situações e figuras da época clássica em cidades do universo contemporâneo, desde questões relacionadas com o desejo de paz, ou com os métodos de educação, até à demagogia política e à tentativa, ainda que utópica, de corrigir os defeitos sociais. Deste modo, o resultado da mescla empreendida pautou-se por um nexo perceptível mesmo para quem não conhecia as comédias de Aristófanes, tradutor da complexidade e da agitação usuais em qualquer *polis*.

Num cenário bem aproveitado, sugestivo e eficaz, nomes conhecidos do mundo do espectáculo português hodierno deram corpo à imagem de uma vida que se vai repetindo em cidades de diferentes momentos históricos, e contribuíram também, com o seu desempenho, para o sucesso da aposta na transposição do Teatro Grego Antigo para o palco moderno.

Luís Miguel Cintra, responsável pela adaptação e colagem de textos e encenador da peça, embora não sendo um classicista, tornou-se um leitor informado sobre o Teatro de Aristófanes e apoiou-se também, para a concretização do seu projecto, na oportuna intervenção de uma especialista em Comédia Grega Antiga, Maria de Fátima Sousa e Silva, garante de fidelidade à leitura dos originais, independentemente das opções posteriormente tomadas pelo encenador.

A representação, não subserviente aos modelos aristofânicos, actualizou os passos clássicos, desde logo pela adequação da tradução a um tom popular e acessível a um público coetâneo, sem ter deixado no entanto de se revelar atenta à natureza da Comédia Antiga, em particular ao seu característico espírito crítico em relação às questões vividas pela *polis* no quotidiano do século V a. C, espelhado por exemplo na reiterada paródia a políticos dessa época. Na perspectiva de actualização da mensagem se enquadraram também a inclusão de apontamentos da cultura portuguesa, como a presença de uma banda de música com um estilo caracteristicamente animador de festividades populares, ou a tonalidade evocativa do espectáculo de revista. A nota de modernidade foi ainda conseguida pelo recurso a um guarda-roupa típico dos anos sessenta/ setenta do século vinte, ou pelo vestuário actual de algumas figuras femininas no início da peça, ou pelas roupas próprias de bailado de uma personagem que vai surgindo em várias cenas, a par da utilização de vestes que remetiam para os tempos da Antiguidade Clássica.

Homem experiente de teatro, Luís Miguel Cintra imaginou interessantes combinações entre passado e presente, propiciadoras da reflexão que pretendia desencadear nos espectadores, numa época de crise global, nomeadamente a insistência nos esforços para emendar as irremediáveis

imperfeições humanas. A presença reiterada de uma velhota, que observa de modo continuado o que se passa à sua volta, é um apontamento curioso, eventualmente metafórico da apreciação a que o encenador desejava instigar o público, a (sor)rir.

Repleta de um movimento que traduz bem o bulício comum a múltiplas sociedades urbanas, a *performance* termina, ao fim de quase quatro horas, com um espectacular efeito dramático, obtido pelos variados sons produzidos por aves diversas, num mundo utópico onde se revela que os defeitos sociais são afinal incorrigíveis, consequência do próprio carácter humano.

Naturalmente, ‘A Cidade’ motivou reacções díspares nos espectadores, resultado de expectativas e sensibilidades diferenciadas, mas a presença regular do público deu sinal do acolhimento que um texto da Atenas do séc. V a. C. mantém para a nossa experiência actual.

SUSANA MARQUES PEREIRA

### **Édipo céptico: Sófocles em cena no Teatro Nacional D. Maria II**

Embora Aristóteles, em sua *Poética*, tenha consagrado Eurípidas como “o mais trágico dos poetas”, defende-se ter sido na geração anterior, nomeadamente com Sófocles, que o teatro do século V a.C. alcançou seu ápice como linguagem teatral e estrutura de pensamento materializada na forma poética. No percurso do pensamento ocidental, dois momentos cruciais, que ratificam o estatuto sofocliano como pensador de seu tempo, são, em primeiro lugar, a longa reflexão de Hegel em torno da dialéctica trágica que fundamenta *Antígona* tanto estética quanto eticamente e, em segundo, a incontornável teoria de Freud acerca do ‘Complexo de Édipo’, tomado como base constitutiva da subjetividade moderna. A relevância dada à obra de Sófocles, na modernidade, pela filosofia e pela psicanálise indica, de algum modo, a medida do quão intrigante foi e continua a ser o teatro do gigantesco poeta grego que viveu entre 496 e 406 a.C.

É, porém, no palco que o teatro efetivamente se faz vivo. E é da vivacidade da poética trágica sofocliana que nos fala o espetáculo *Rei Édipo*, co-produzido pelos Artistas Unidos e pelo Teatro Nacional D. Maria II, que esteve em cartaz em Lisboa, na Sala Garrett, entre 18 de Fevereiro e 28 de Março de 2010. Encabeçam o projeto Jorge Silva Melo, à frente da encenação, e Diogo Infante, que empresta corpo e voz ao herói de Sófocles.